

**A FORTALEZA DA BARRA GRANDE DE SANTOS
E DOIS DE SEUS COMANDANTES NO SÉCULO XVIII**

Maria Aparecida Lacerda Duarte Weber

Resumo: *Notas sobre dois comandantes da Fortaleza da Barra Grande de Santos, São Paulo*

Abstract: *Notes about two fortification's commanders.*

No século XVI, o Brasil recém-descoberto, era alvo de agressões feitas por corsários e piratas, de países europeus emergentes. Eles cobiçavam nossas terras e suas prováveis riquezas. Eram agressores, a Holanda, a Inglaterra e a França. Tais ameaças exigiram a proteção de nosso grande litoral: foram erguidas as Fortalezas.

De 1582 a 1595, corsários ingleses atacaram o litoral santista aterrorizando os moradores; eram eles Charles Cooke, John Davies, Tobb Staford, Edward Fenton, Thomas Cavendish e James Lancaster.

De 1609 a 1630, corsários holandeses atacaram o litoral nordestino, pois cobiçavam o comércio açucareiro. A crônica registra uma exceção, com o conde Maurício de Nassau, mas o nordeste não queria ser ocupado pelos holandeses e logo reagiram àquela ocupação: em 1640 houve uma batalha contra eles, no Monte das Tabocas, depois em Guararapes(1648-1649) e na Campina da Tabor-da (1652-1654); eles foram finalmente expulsos e exigiram, para sair, uma “Indenização” 1661, 4 milhões de cruzados! Fomos roubados...

Em 1710, chegaram no Rio de Janeiro, franceses chefiados por Jean François Ducler, que foi morto e seus homens expulsos.

Em 1711, como revide, chegou no Rio de Janeiro do Duguay-Trouin que praticou saques, mortes e incêndios que destruíram casas, igrejas e documentos.

Diante desse desrespeito nosso país teve que proteger nosso grande litoral, porta de entrada desses vândalos ambiciosos.

Em 1584, na Barra Grande de Santos, fora erguida a primeira Fortaleza no litoral santista.

Sete anos depois (1591), Santos foi saqueada, incendiada e apavorada pelo corsário inglês, Edward Fenton. Essa agressão pôs fim a muitos documentos valiosos para a história daquela cidade.

Fenton chegou e agrediu o Santos na noite de Natal! (F.M.Licht vol. I, 148 e seguintes)

A Fortaleza ainda primitiva; fora construída na sesmaria de Estevão da Costa, cunhado de Martim Afonso de Souza, no governo de Jerônimo Leitão; a ideia da construção daquela Fortaleza partira do comandante espanhol Diogo Flores Valdez, o arquiteto italiano, membro da expedição do comandante Valdez, Giovanni Battista Antonelli, elaborou projeto.

Em uma área de 28.000 m², situado sobre um esporão rochoso, coberto pela Mata Atlântica, em terreno irregular que propiciou a construção de muralhas dispostas em planos diferentes o que contribuiu para maior defesa (Lichiti, I, 148) foi erguido o Forte.

Diante da frequência e violência dos ataques, o litoral precisou da construção de onze (11) fortalezas, construídas entre 1584 a 1936. São elas:

1547-de S. Tiago ou S. João de Bertioaga.

1552-de S. Luís ou S. Filipe (1765).

1553-da Vila de N. Sra. do Monte Serrat.

1560- ” ” ” ”

1584-da Barra Grande de Santos/Santo Amaro.

1766-da Praia do Góes.

1902-de Itaipu o Jurubatuba ou Duque de Caxias.

1936-do Monduba ou Andradas da Paciência - sem data nem localização.

da Ponta do Camarão – idem.

do Pinhão da Vera Cruz

“Em setembro de 1591, Thomas Cavendish incendiara o Arquivo da Câmara o que destruiu documentos históricos” (coronel de Infantaria e Estado Maior do Rio de Janeiro - Paulo Roberto Rodrigues Teixeira) (internet)

Em 26 de janeiro de 1725, Manoel de Castro e Oliveira financiou a reconstrução do Forte da Barra Grande de Santos, então com 131 anos de existência. Manoel forneceu armas para a Fortaleza, mas exigiu das autoridades, muitos e duradouros privilégios para si e para seu filho.

De 1723 a 1725, o governador Rodrigo César de Menezes mandou fazer reformas no Forte, que então contava com 32 bocas de fogo. Em 1866, comandava Fortaleza o capitão Fernando Leite.

Em 30 de junho de 1770, o capitão general Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, visitou a Fortaleza e registrou ter encontrado 28 peças de Artilharia.

Faltavam recursos para a manutenção do Forte.

Em 1775, tornou-se comandante da Fortaleza da Barra Grande de Santos, o capitão de Infantaria, José Galvão de Moura Lacerda, que nesse posto, permaneceu até 1781, portanto por seis anos. Nesse período José Galvão de Moura Lacerda também presidiu o Conselho de Guerra e governou a Praça militar de Santos, incumbido que fora pelo rei de Portugal D. João V (1706-1750) e D. José I (1750-1777) aos quais servira como militar. Era sargento-mor naquele tempo Manoel Caetano de Zuñiga (Daesp- Lata 248 - Militares da Praça Militar de Santos).

José Galvão de Moura Lacerda, sargento-mor, recebeu sua nomeação para comandar o Forte da Barra Grande de Santos e a praça militar daquela região, através do general Martim Lopes Lobo Saldanha, incumbido pelo rei D. João V. A nomeação aconteceu em 11 de setembro de 1775.

O general Martim Lopes Lobo governava a Capitania de São Paulo; ele exigiu que a Fortaleza fosse restaurada naquela época; havia 28 peças de Artilharia de diferentes calibres, na Fortaleza.

Em 5 de junho de 1781, José Galvão de Moura Lacerda entregou o comando daquele Forte a Francisco A. Barreto que, nele ficou por dez anos. (1791).

Em 1791, assumiu o comando daquela Fortaleza, Tomas da Silva Campos.

Em 1800, o forte em condições precárias, seria reformado conforme consta no relatório do marechal José Arouche de Toledo Rondon (Waldir Rueda - Acervo Unisantos).

Em 1766, fora construída a Fortaleza da Praia do Góes, comandada por Fernando Leite Guimarães (Costa e Silva Sobrinho). Apoiava o Forte da Barra.

Conforme a crônica, em 1767 a Fortaleza da Barra Grande de Santos tinha 18 (dezoito) peças de Artilharia.

Em 30 de julho de 1793, o comandante da Fortaleza da Barra Grande, o Sargento-Mor Francisco Aranha Bastos, passou o comando ao Sargento-Mor da Praça de Santos, José Pedro Galvão de Moura Lacerda, filho único do mencionado José Galvão de Moura Lacerda e Maria Leme de Araújo. (Daesp – Lata – 248 – Militares – Santos) e (Souza Filho, João Batista de – p. 52).

O porto de Santos, muito movimentado com a saída de nossas riquezas e entrada de produtos portugueses, precisava ser bem protegido. O rei D. João V, de Portugal, “viviu com opulência francesa” a custa da riqueza brasileira. (Melo Pimenta)

A pesquisa em Arquivos (Daesp – L – cod. – 248), registrou a atuação de José Pedro Galvão de Moura Lacerda até 16 de outubro de 1814 o que indica que na Fortaleza da Barra ele ficou no comando 21 anos.

Em 31 de março de 1762, aos dezesseis anos de idade, José Pedro ingressara como cadete, no batalhão santista de Infantaria, comandado por seu pai, que conforme foi mencionado anteriormente, viera organizar as tropas da Praça Militar santista a pedido do rei D. João V.

José Pedro perdera sua mãe, Maria Leme de Araújo, ao nascer. “Ela era filha do proeminente santista Timótheo Correa de Góes”. (Lichiti).

De 1765 a 1767, José Pedro foi para o Sul em defesa de nossas fronteiras ameaçadas pela Espanha.

Em 03 de novembro de 1770, tornou-se ele alferes da Infantaria santista.

Em 11 de julho de 1775, como capitão, foi lutar novamente no Sul, ao lado do general Böhne lá permaneceram até 1789.

Em 1802, tornou-se brigadeiro. Seu nome seria dado à Rua Brigadeiro Galvão, na Barra Funda, na capital paulista. Iria permanecer na Praça Militar santista até se reformar. Na capital paulista, faleceu em 19 de junho de 1822, três meses antes da proclamação de nossa independência; tinha então 76 anos de idade.

José Pedro Galvão de Moura Lacerda era casado com Teresa Gertrudes de Oliveira Montes; eram pais de:

- 1 - Joaquim Mariano Galvão de Moura Lacerda
- 2 - José Pedro Galvão de Moura Lacerda (2º)
- 3 - Gertrudes Galvão de Moura Lacerda
- 4 – Francisco Vital Galvão de Moura Lacerda
- 5 - Anna Joaquina Galvão de Moura Lacerda
- 6 - Joana Batista Galvão de Moura Lacerda
- 7 – Escolástica Galvão de Moura Lacerda

O primeiro filho tornou-se marechal de campo e brigadeiro; o segundo filho era coronel e tornou-se brigadeiro e, o quarto filho era militar em Goiás.

Quando jovem, José Pedro (1º) era escudeiro e funcionário da Corte Portuguesa, no Brasil, como militar (Souza Filho, 12)(Az. Marques, I, 63).

Em 1887, o comandante da Fortaleza da Barra Grande de Santos, era Manoel Antonio Vieira. Ela necessitava de reparos (Costa Sobrinho, 120)

Em 1891, no mês de novembro, durante a Revolta da Armada (20 – SET – 1893) cruzadores da Marinha (com Custódio de Melo) atacaram a Fortaleza da Barra Grande de Santos, que respondeu ao ataque e forçou a retirada das embarcações (Costa e Silva, 172) (20 de setembro de 1893).

Em 9 de abril de 1793, era marechal de campo e secretário em Santos, José Romão Junot. Eram seus capitães, João Correa de Oliveira, Miguel Vitoriano dos Santos; Francisco Aranha Bastos era sargento-mor. Santos era então uma Vila. (DAESP – lata – 248).

A Praça Militar de Santos controlava a movimentação do porto vistoriando chegada e saída de pessoas e de produtos, mercadorias, valores. Esse controle foi registrado e se tornou importante fonte para estudo desse aspecto da história santista nos séculos XVIII e XIX (ver Militares governadores da Praça Militar de Santos – DAESP).

Em 9 de abril de 1905, o Ministro da Guerra determinou o desarmamento da Fortaleza da Barra Grande de Santos e, suas peças de Artilharia foram enviadas para Fortaleza de Itaipu (Costa e Silva Sobrinho p. 121).

A esposa de José Pedro Galvão de Moura Lacerda Gertrudes Teresa de Oliveira Montes, era a 6ª filha de José Rodrigues Pereira, português, negociante de terras que se tornou abastado e ocupou vários cargos públicos em São Paulo. Sua mãe era Ana de Oliveira Montes.

José Pedro e Gertrudes eram pais de:

- 1 - Joaquim Mariano Galvão de Moura Lacerda (1º), era marechal de campo e casou-se com Joana Emília Veloso de Oliveira, com geração.
- 2 - José Pedro Galvão de Moura Lacerda (2º), coronel, casado com Gertrudes de Brito, com geração.
- 3 - Gertrudes Galvão de Moura Lacerda, casada com o brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão, com geração.
- 4 - Francisco Vital Galvão de Moura Lacerda casado com Maria Joana Rosa
- 5 - Ana Joaquina Galvão de Moura Lacerda, falecida, solteira.
- 6 - Joana Batista Galvão de Moura Lacerda, solteira.
- 7 - Escolástica de Moura Galvão, falecida, solteira.

(Azevedo Marques Apontamentos, II, 63) e (Rev. Genealógica Brasileira nº 14 - ano 1946, p. 561).

Segue citação sobre a Fortaleza da Barra Grande de Santos.

Olaio Rodrigues, em seu livro *Nos Tempos de Nossos Avós*, p. 77 (Gráfica de A Tribuna - Jornal e Editora Ltda. - Santos – 1976), registrou:

“Fortaleza Velha da Barra - Da Ponta da Praia [da cidade de Santos/SP]. avista-se o prédio que serviu à Fortaleza Velha da Barra [Grande de Santos/SP]

Autêntico monumento histórico. Durante muito tempo tornou-se bastião da defesa de Santos e da Província. Teve sua construção e iniciada em 1584, durante o reinado de Felipe II [da Espanha em 1556-1598], logo depois do ataque do pirata inglês Edward Fenton. No lado direito da antiga Fortaleza fica a Praia do Góis, diante da qual Martim Afonso desembarcou e, em embarcação mais leve, seguiu para São Vicente, que fundou a 22 de janeiro de 1532. Faziam parte da comitiva de Martim Afonso, entre outros, os irmãos Luís e Pedro Góis-que se tornaram donos da praia que veio a ter seu sobrenome”.

Conforme ficou registrado, na Velha Fortaleza da Barra do Grande de Santos, foram comandantes dois membros da família Galvão de Moura Lacerda.

José Galvão de Moura Lacerda (1775-1781) e seu filho, José Pedro Galvão de Moura Lacerda, (1793-1814) tiveram sob seu comando a Fortaleza da Barra Grande de Santos, durante 27 (vinte e sete) anos; o pai durante seis anos e o filho, durante 21 (vinte e um) anos.

Considerando-se a posição estratégica da mencionada Fortaleza, conclui-se que grandes de eram suas atividades e responsabilidades. Algumas citações em documentos encontrados nos arquivos (DAESP) confirmam tais conclusões. Há registros diários, escritos pelo próprio José Pedro Galvão de Moura Lacerda, cuja linda caligrafia nos deixa evidente suas atividades. Da leitura destes registros percebe-se que era detalhista, responsável, sério e bem-humorado.

Para ilustrar seu bom humor cito um seu relatório sobre um militar, capitão, que se mostrava irresponsável em seu posto; José Pedro a ele se referiu: “*ele parece não ser desse mundo!*” o mencionado militar era idoso e, alegando falta de saúde, não exercia suas funções, mas era visto passeando tranquilamente nas praias de Santos...

O médico militar Dr. José Rodrigues atestou que nada impedia o militar de ocupar seu posto, e o “doente” respondeu “*serei um corpo morto, não farei nada*”...

(DAESP – Lata 248 – Militares Governadores na Praça Militar de Santos. 1793-1809)

José Pedro não quis prendê-lo devido a idade avançada desse capitão.

Em 29 de agosto de 1794 o mestre da Casa do Trem [Bélico] da Vila de Santos, Manoel Francisco comenta a vantagem de se conservar as matas nativas da região, pois dela, com facilidade e menor custo, poderia se extrair madeira de boa qualidade para a fabricação de pranchões para serem adaptadas as carretas

que carregavam armas e peças de Artilharia. Como as matas da Vila de Santos estavam sendo extintas, era preciso ir buscar os pranchões em Cananeia; geralmente era preciso de 58 ou 60 pranchões. (Fonte: supra citada).

Em 29 de outubro de 1813, Salvador de Oliveira Bittencourt enviou ao Forte da Barra Grande de Santos documento avisando que São Paulo iria receber armas de guerra, vindas do Rio de Janeiro para serem enviadas para Camacua, onde se formara um grupo revolucionário Farroupilha (1815-1845).

A região de Camacua (município do Rio Grande do Sul) foi palco das lutas entre os Chimangos e os Libertadores Farroupilhas, iniciada pela cobiça gerada pela rica indústria do Charque. Caxias e Greenfell se destacariam nessas lutas.

Nossas fronteiras sulinas preocupavam nossos governos. Santos, porta de entrada e saída de pessoas e produtos era estratégico para a economia e defesa; ambas regiões exigiam proteção.

Em Santos a velha Fortaleza da Barra Grande era uma sentinela sempre alerta e bem municada. (DAESP – Militares – Santos/SP – Lata cód. 248 – documentos originais pesquisados). Nela, destacamos dois membros da família Galvão de Moura Lacerda, pai e filho: José e José Pedro.

José Galvão de Moura Lacerda, português, foi incumbido pelo rei D. João V (1706-1750), de Portugal, para vir para o Brasil “organizar as tropas santistas” responsáveis pela defesa do porto; o quinto real de ouro ali sofria desvios, e o porto era estratégico (30 - maio – 1762). (Lichiti).

De 25 de maio de 1775 a 1781 coube ao Capitão de Infantaria José Galvão de Moura Lacerda comandar a Fortaleza da Barra Grande de Santos por seis anos. (1775-1781).

Em 1814, filho único do mencionado José, José Pedro Galvão de Moura Lacerda, sargento-mor, assumiu o comando da mencionada Fortaleza da Barra Grande e lá permaneceu durante 21 (vinte e um) anos.

A pesquisa revelou que sob seu comando e trabalharam 01 sargento-comandante, 01 capitão, 03 alferes, 03 sargentos, 03 armeiros, 07 cabos, 02 tambores e 184 soldados. José Pedro enviou documento às autoridades detalhando o que encontrou no Forte quanto ao número, espécie e condições, as armas e munições.

Em 25 de novembro de 1814, José Pedro enviou às autoridades um Mapa das Praças Militares do Quartel daquela Fortaleza santista (também conhecida como Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande de Santos). (DAESP cód. 248 – Militares de Santos – 1810-1814, pasta nº 03).

Em 26 de fevereiro de 1816, o conde de Palma alertou seus militares de que nossa Marinha estivesse atenta à presença de Napoleão Bonaparte preso na Ilha de Santa Elena.

Em 18 de maio de 1816 faleceu a rainha D. Maria I; foi homenageada.

Em 15 de junho de 1816 o coronel-engenheiro militar Daniel Pedro Müller vistoriou a Fortaleza da Barra Grande do Santo se exigiu lixeiras.

Em 21 de novembro de 1816 o brigadeiro Cândido A. Hermes de Almeida e Souza tornou-se chefe do Regimento de Caçadores da Praça Militar de Santos. Nesse ano, o chafariz público da cidade santista foi consertado após uso impróprio por jovens que lá se banhavam; houve um afogamento em 22 de agosto de 1816 o que precipitou a medida urgente.

A partir de 1817 tornou-se governador da Praça Militar de Santos/SP, Bento Alberto da Gama e Sá que enviava seus relatórios sobre essa Praça ao conde de Palma. Nesse ano o engenheiro militar Daniel Pedro Müller vistoriou o Caminho que ligava Santos a São Paulo e exigiu o conserto das pontes daquele Caminho.

Em 8 de fevereiro de 1817, Alenis Suerlhoff, conselheiro da delegação russa, aquartelou-se na Fortaleza da Barra Grande de Santos.

Em 24 de abril de 1817 faleceu o governador da Praça Militar de Santos, Francisco José da Silva e comandava a Fortaleza da Barra o alferes Manoel Soares seu oficial era Leonardo Luciano de Campos.

Em 01 de agosto de 1817 o Bergantim Santa Rita, aportou em Santos, vindo de Montevidéu e trazendo grande carga. (DAESP – Lata Militares, cód. 249).

Em 03 de setembro de 1817, tropas santistas foram defender as fronteiras de Santa Catarina ameaçadas pela Espanha; essas tropas receberam ajuda de espingardeiros prussianos. Em junho de 1818 o sargento-mor da Praça Militar de Santos era Antonio de Paula Nogueira da Gama (DAESP – Lata249).

Em 12 de junho de 1818 José Mariano Carneiro e o coronel-engenheiro Pedro Daniel Müller examinaram as pontes do Caminho que ligava São Paulo e Santos.

As chuvas danificavam o caminho e então os responsáveis eram criticados e tinham que salientar as dificuldades da manutenção e que as chuvas constantes.

Em 23 de outubro de 1818 D.P. Müller visitou a Fortaleza.

Na Fortaleza na Barra Grande, no Regimento de Caçadores, o Dr. José do Amaral era o médico e cirurgião responsável pela saúde daqueles militares.

Em 20 de dezembro de 1819, o militar Afonso Furtado de Mendonça, da família Galvão de Moura Lacerda, foi homenageado pelos militares do Forte da Barra.

Desde 6 de março de 1819 João Carlos Augusto de Oyemnhusen governava a Capitania de São Paulo.

O governador da Praça Militar de Santos, Bento Alberto da Gama e Sá enviou, em 30 de abril de 1819, ao conde de Palma, felicitações pelo nascimento da Princesa da Beira.

Em 20 de abril de 1819, o senhor Oyemnhusen enviou à Fortaleza da Barra uma carta, na qual ele condenava a prisão e tortura de negros escravos acusados de terem malhado um JUDAS vestido com farda militar e exigiu sua libertação. Foi atendido.

Em 10 de julho de 1819 o Caminho entre São Paulo e Santos foi restaurado a pedido do governador Oyemnhusen. (DAESP – Militares – Santos – cód. 249).

Em 1830, o marechal Daniel Pedro Müller, em seu Quadro Estatístico, registrou que na Fortaleza, aqui historiada, trabalhavam 02 (dois) oficiais, 04 (quatro) oficiais-inferiores, 50 (cinquenta) artilheiros, 92 (noventa e dois) serventes e 100 (cem) soldados da Infantaria.

Em 1850, a Fortaleza serviu como presídio estatal.

Em 1887, comandou a Fortaleza, o major Manoel Antonio de Lima Vieira(ver Costa e Silva).

De 1902 a 1905, o capitão Dr. Francisco Álvaro de Souza Filho dirigiu a reforma da Artilharia e permaneceu no comando da Fortaleza de 1902 até 1911, quando então ela foi desativada, aos 327 anos de serviços prestados. A ordem para ser desativada é datada de 09 de abril de 1905.

Em 1967 a Fortaleza da Barra Grande de Santos foi tombada e tornou-se parte do patrimônio histórico, artístico e cultural nacional. (P.H.A.N.)

Em 1993 a mencionada Fortaleza foi restaurada por Antonio Luís Dias de Andrade e por Hugo Mori e o Ateliê Artístico Sarasá.

Atualmente a Universidade Católica de Santos administra o Patrimônio Histórico Local.

No século XXI, o antigo Quartel é um Espaço Cultural e a antiga Casa da Pólvora é uma bela capela onde se destaca um belo painel de 20 m², feito pelo artista plástico Manabu Mabe; esse painel é chamado “Vento Vermelho”.

FONTES CONSULTADAS

AZEVEDO MARQUES, Manuel Eufrásio de. Apontamentos, vol. II, 63.

DAESP – Militares da Praça Militar de Santos. Latas cód. 248, 249 e 250.

INTERNET -Camaquã. Notas (21-11-2013).

PIMENTA MELO, José de. Evocação a Portugal Editora Cupolo Ltda. 1976 in totum.

RODRIGUES, Olao: Nos Tempos de Nossos Avós. Gráfica de A Tribuna - Jornal e Editora Ltda. Santos 1976 p. 77

REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA nº 14, ano 1946, p. 561. I.G.B.

RUEDA, Waldir – Internet – Unisantos.

SOBRINHO, Costa e Silva. Santos Noutros Tempos - Instituto Histórico e Geográfico de Santos. São Paulo 1953.

SOUZA FILHO. João Batista Notas Históricas e Genealógicas da Família Galvão de Moura Lacerda. Editora Monteiro Lobato p. 12 e seguintes - São Paulo 1925. In totum.

Internet- Notas históricas fornecidas pelo coronel de Infantaria e Estado Maior do Rio de Janeiro-Paulo Roberto Rodrigues Teixeira Assessor da FUNCEB e redator chefe da Revista de Cultura. (Internet 21 de novembro de 2013).